

A ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS POR PROFESSORES DE CIÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS, AM

Michele Marques de Souza

Professora. Mestre em Biologia. Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Ciências, mmscience@gmail.com
Centro de Estudos Superiores de Parintins. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil;

Marcia Fernanda Costa do Nascimento

Pedagoga. Pós-graduanda em Gestão de Currículo e Desenvolvimento de Práticas Pedagógicas.
marcia.fernandapedagoga@hotmail.com
Centro de Estudos Superiores de Parintins. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil;

Adson da Silva Figueiredo

Professor. Especialista em Gestão Escolar, adsonfigueiredo@gmail.com
Escola SESI Padre Francisco Luppino, Parintins, AM.

Franklin Roosevelt Martins de Castro

Professor. Mestre em Filosofia da Linguagem. Membro do Grupo de Ensino e Pesquisa em Ciências na Amazônia,
fkroosevelt@hotmail.com
Centro de Estudos Superiores de Parintins. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil.

Resumo: A escola possui papel importante no desenvolvimento da temática da sexualidade e na orientação sexual de crianças e adolescentes e, sendo assim, o objetivo deste estudo foi investigar a abordagem e discurso de professores de Ciências do Ensino Fundamental sobre essa temática. Os dados foram coletados por meio de entrevistas a seis professores da rede pública de ensino estadual, na cidade de Parintins, Amazonas. Os resultados sugerem a intensa responsabilização do professor de Ciências ou profissionais da saúde no processo de orientação sexual, alheio ainda à transversalidade da temática, atendo-se aos aspectos biológicos e desenvolvendo insuficientemente as questões psicológicas e sociais ligadas ao tema.

Palavras-Chave: Educação sexual. Sexualidade. Ensino de Ciências.

1. INTRODUÇÃO

O debate da orientação sexual na escola geram ponderações importantes que ajudam a preencher as lacunas remanescentes das mensagens veiculadas pela mídia, no espaço familiar, entre outras instituições sociais em que se insere o sujeito (ARRUDA e CAVASIN, 2001; CARDOSO *et al.*, 2007; BRASIL, 2000). No Brasil, com a instauração dos Parâmetros Curriculares Nacionais no fim da década de 90 pelo Ministério da Educação houve um impacto muito grande sobre as discussões da educação sexual nas escolas por meio dos temas transversais, ligados a todas as disciplinas escolares (ALTMANN, 2001; CARDOSO *et al.*, 2007). As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (2010) também articulam a obrigação dos órgãos executivos educacionais sobre a criação de subsídios que possibilitem ao trabalho docente na disseminação de informações e atitudes que evitem o sexismo, discriminação e outros preconceitos e que conduzam à adoção de comportamentos responsáveis e solidários.

Embora a emancipação das discussões sobre o tema tenha ocorrido nas diversas escolas brasileiras, a orientação sexual ocorre de forma incipiente, pois se refere a aspectos básicos como conceitos biológicos, métodos contraceptivos e Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs (CARDOSO, 2007; RIBEIRO *et al.*, 2004). A escola é o local oportuno e indispensável para tratar das questões que abrangem a sexualidade e suas especificidades. Assim, as crianças e adolescentes podem desenvolver atitudes prazerosas, responsáveis e assertivas, no âmbito pessoal e social (RIBEIRO *et al.*, 2004). No entanto, a responsabilidade do debate na escola sobre a sexualidade encerra-se, na maioria das vezes, sobre os profissionais externos à escola como médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, mas principalmente sobre o professor de Ciências e Biologia (SANTOS, 2001; RIBEIRO *et al.*, 2004). Mas será que esses professores estão preparados para abordar a complexidade da sexualidade na escola? Quais as dificuldades enfrentadas por eles para a abordagem da temática na dinâmica escolar?

É comum e não distante da realidade dos professores de escolas públicas de Parintins casos de gravidez na adolescência, abuso sexual, DST's e conflitos de identidade, que podem gerar baixa autoestima. Em casos mais graves, até suicídios, como já registrados para alunos das escolas do município (FIORAVANTE FILHO, 2014). Também se evidencia a ausência de programas de orientação sexual contínuos na escola, ficando a cargo de uma única disciplina, geralmente ligados à área de ciências biológicas ou aos profissionais da saúde externos à escola para trabalhá-la. Sendo assim, este estudo teve como objetivos investigar a abordagem e discurso de professores de Ciências do Ensino Fundamental sobre a sexualidade e orientação sexual em escolas públicas de Parintins, tornando-se uma oportunidade singular de gerar informações para possíveis intervenções que subsidiem a implantação de programas de orientação sexual efetivo nas escolas do município.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida partir do discurso de seis professores de Ciências das escolas públicas da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas (SEDUC) de Parintins, Amazonas. O método utilizado para o desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa qualitativa, fundamentada na descrição e na análise do discurso dos professores de Ciências sobre a orientação sexual na escola. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, composta por questões dissertativas relacionadas à conceituação de sexualidade e orientação sexual, habilidades e dificuldades para tratar o tema e expectativas para a melhor abordagem da orientação

sexual na escola, expressos pelas falas individuais e de forma coletiva por meio de categorização das respostas de acordo com a proximidade do conteúdo citado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade dos professores entrevistados variou entre 27 e 62 anos. Em relação ao tempo de serviço, cinco possuíam 20 anos ou mais de profissão e um com pouco mais de um ano na carreira docente. A formação acadêmica dos professores participantes da pesquisa foi distribuída entre os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas (n=3), Licenciatura em Ciências Naturais (n=2) e Licenciatura em Geografia (n=1), todos atuantes como professores de Ciências.

3.1 As diferentes concepções da sexualidade

Os professores inicialmente foram indagados sobre a concepção de sexualidade, como forma de entender os argumentos sobre a temática. De maneira geral, os participantes mantiveram os discursos semelhantes em determinados pontos, como a afirmação da sexualidade ligada ao prazer e à afetividade, e ao defini-la por termos como “fase”, “sentimentos”, “satisfação” e “desejos”.

“[...] é uma fase pelo qual passam todos os homens e mulheres ao atingirem a sua adolescência e puberdade.” (Professor 1)¹

“A sexualidade desenvolvemos desde o nascimento, pois faz parte da nossa vida a todo o momento e envolve nossos desejos e práticas relacionados à nossa satisfação, à afetividade [...]” (Professora 5)

Portanto, no primeiro discurso a sexualidade está diretamente ligada às mudanças biológicas e fisiológicas sofridas nos corpos de homens e mulheres durante a chegada à puberdade, sendo referida como uma fase de vida. Nesse contexto, ao que parece, a ideia da expressão da sexualidade desde o nascimento e, que segue ao longo de toda a vida humana, tornam os discursos antagônicos. (BRASIL, 2000; RIBEIRO *et al.*, 2004). No mesmo sentido do discurso dos Professores 3 e 4:

“É a natureza das pessoas em seu aspecto reprodutivo emocional e afetivo.” (Professor 3)

“A sexualidade pode ser vista e entendida em vários termos; pode ser relacionada à vida, sensações, emoções [...] ao estilo sexual de cada ser humano [...]” (Professora 4)

Ainda, na verbalização, de outro professor e professora entrevistados, a sexualidade está ligada ao aspecto reprodutivo, à anatomia dos órgãos sexuais, do ato sexual em si ou da definição de gêneros sexuais.

¹ Os professores entrevistados tiveram suas identidades resguardadas, em acordo firmado no termo de consentimento assinado antes da realização da pesquisa.

“Sexualidade é tudo aquilo que envolve as relações e os órgãos sexuais humanos, são as formas como as pessoas expressam suas afinidades e desejos sobre o sexo.” (Professor 2)

É como o ser humano define a questão do gênero feminino e masculino, embora hoje a gente não veja mais essa definição tão clara como antes [...] então ficou relativo essa questão de ser homem e ser mulher. Hoje em dia é como o ser humano se aceita, como ele quer ser, não mais como ele nasceu. (Professora 6)

Como argumentam Jardim e Bretas (2006) as informações sobre o sistema reprodutor, aspecto biológicos, e o debate da relação do reconhecimento do sexo masculino ou feminino por meio dos órgãos sexuais, embora muito necessários, são insuficientes. Torna-se, portanto, ao falar sobre a sexualidade, de fundamental importância salientar as emoções, aspectos psíquicos, éticos e culturais envolvidos, que são basais na vida saudável de um ser humano (BRASIL, 2000, JARDIM E BRETAS, 2006). Ainda, segundo JARDIM e BRETAS (2006), este nível de discussão sobre a sexualidade requer do professor mais habilidade e sensibilidade do que para falar dos assuntos escritos nos livros de biologia, exigindo dele constante aprendizado, atualização e reciclagem.

3.2 A orientação sexual na escola: de quem é a responsabilidade?

Inicialmente os professores foram indagados sobre a existência de um programa de orientação sexual nas escolas em que trabalham e cinco dos seis entrevistados negaram essa prática. No entanto, todos os docentes relataram que o debate sobre a temática ocorre esporadicamente durante as aulas de Ciências ou ainda, em palestras com profissionais externos, como enfermeiros e psicólogos. Interessante notar também que quatro dos seis professores trouxeram pra si, primeiramente, a responsabilidade sobre a orientação sexual, seguido de profissionais externos à escola, professores de outras disciplinas, gestores e pedagogos:

[...] de um lado, o professor de Ciências aborda, mas deveria ser uma questão interdisciplinar, como história, geografia, entre os outros. Mas eu acho que o psicólogo é o profissional mais adequado para tratar essa questão.” (Professora 6)

“Esse tema pode ser abordado em Ciências, Língua Portuguesa; [...], deveria ser um trabalho coletivo da equipe escolar.” (Professora 5)

Percebe-se, de forma sutil, o consenso arraigado dentro da comunidade escolar ao longo dos anos, inclusive nos próprios professores de Ciências, que o debate sobre a sexualidade humana está ligado principalmente ao discurso biológico do organismo. Essa crença, “empodera” os professores de Ciências a tornarem-se os principais encarregados pela orientação sexual na escola, uma vez que estes já trabalham a temática dentro da disciplina que ministram (RIBEIRO *et al.*, 2004; CARDOSO *et al.*, 2007). Mas, é importante frisar que o conhecimento do corpo é relevante, mas insuficiente para a mudança de atitudes assertivas. Reduz-se aí a sexualidade à categorização e à

descrição dos sistemas reprodutores, tratando-a como se esta não fosse inerente do ser humano desde seu nascimento, devendo, portanto, ser discutida por todos, inclusive no ambiente escolar (RIBEIRO *et al.*, 2004).

Ainda sobre a sugestão de a orientação sexual ser realizada por enfermeiros e psicólogos, presente no discurso de quatro dos seis professores entrevistados, percebe-se a necessidade de interdição por profissionais externos à escola. Por exemplo, quando indagados sobre o que acreditam que possa ser realizado para melhorar a discussão da temática enfatiza-se a presença de pessoas capacitadas para realizarem essa tarefa:

Eu acho que palestras com pessoas capacitadas. Eu penso que se cada escola realizasse uma semana para abordar a sexualidade dentro da escola você abriria um leque de oportunidades para os alunos falarem. Principalmente se fossem fazer essas palestras os profissionais como assistentes sociais, enfermeiros e psicólogos. (Professora 6)

Embora todos os professores entrevistados tenham afirmado que se sentem capacitados para realizar a orientação sexual na escola, permeia-se o discurso da presença de outros profissionais para tratarem do assunto de forma mais adequada.

“As escolas precisam ter parceria com um posto de saúde e uma vez no ano oferecer palestras com enfermeiros ou médicos especializados no assunto.” (Professora 4)

A interdição de uma figura externa para abordar temas ligados à sexualidade sugere a dependência daquele que detém mais conhecimento para falar sobre o tema dentro da escola, além de insegurança (FOUCAULT, 1998). No entanto, reconhecer como algo positivo a interdição de outro sujeito para tal, abre a possibilidade de estímulo ao professor para a busca de conhecimentos sobre a temática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo pretendemos, de forma sucinta ainda, revelar aspectos dos discursos dos professores de Ciências que enfoquem a visão desses sujeitos a respeito da temática da sexualidade e da orientação sexual na escola. A família junto à escola são os principais encarregados pela orientação sexual das crianças e, principalmente, dos adolescentes. No entanto, a responsabilização da família à escola para desempenhar esse papel exige dos educadores preparo para que possam desenvolver esse papel de forma reflexiva e efetiva. Nos discursos dos professores entrevistados percebe-se que mesmo sendo o professor de Ciências o principal efetivador da orientação sexual na escola, junto aos profissionais externos que proferem palestras esporádicas, esse papel ainda cumpre-se de forma incipiente.

As principais dificuldades enfrentadas são ainda em relação ao apoio das demais disciplinas para debater as diversas temáticas que a sexualidade envolve, ao discuti-la de forma transversal no ambiente escolar. E ainda, os professores entrevistados reconheceram o papel importante da escola no levantamento da discussão sobre a sexualidade de forma adequada, mas mostraram insegurança nos conteúdos e na prática da orientação sexual. Portanto, é necessário que treinem suas habilidades, independente da disciplina que trabalham, proporcionando a eles a ampliação e reciclagem dos conhecimentos através de programas de atualização e capacitação acerca da sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexo, sexualidade e educação sexual. **Boletim transa legal para educadores /as**. n.8, ago.2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade cultural: Orientação sexual**. v.10. Brasília, DF: Ministério da educação, 2000.
- CARDOSO, Luciana Roberta Donola; FIGUEIREDO, Tathiana Fernandes Biscuola; PECORARI Eliane Porto Di Nucci. Escolas do ensino fundamental estão desenvolvendo programa de orientação sexual? **Psicologia Argumentativa**, v. 25, n. 51, p. 385-391, out./dez. 2007.
- FIORAVANTE FILHO, Zilton. Amor? Em Parintins-Am jovem de 13 anos comete suicídio e deixa recado à "amada Vitória". **Blog Amazônia Acontece**, 16 set. 2014. Disponível em: <http://amazoniaacontece.blogspot.com.br/2014/09/amor-em-parintins-am-jovem-de-13-anos.html>. Acesso em 28 dez. 2015.
- FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 13. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 153p. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/4100872/Historia-da-sexualidade-1-Michel-Foucault>. Acesso em: 15 jan. 2016
- JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 59, n.2, 157-162, mar.-abr. 2006.
- RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; SOUZA, Diogo Onofre. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Estudos Feministas**, v.12, n.1, jan.-abr. 2004.
- SANTOS, M. A. **Orientação Sexual no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental: uma realidade distante?** 2001.60f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2001.